

**O ‘ENSINO REMOTO’ NOS ANOS INICIAIS DO ENSINO FUNDAMENTAL:
DESAFIOS E EXPERIÊNCIAS DOCENTES NA REDE PÚBLICA MUNICIPAL DE
FORTALEZA**

Talita Priscila Bernardo Andrade¹
Tarcísio Joilson Carneiro Da Silva²
Emília Paula Freitas³
Camilla Rocha da Silva⁴

Resumo

A presente pesquisa teve como objetivo compreender como tem acontecido o trabalho de uma professora do 1º ano do Ensino Fundamental da rede pública de Fortaleza-CE, dentro do contexto de ensino remoto de caráter emergencial durante a pandemia da Covid-19. Tratou-se de uma pesquisa do tipo qualitativa e para a construção dos dados realizamos encontros e entrevistas virtuais. Para a análise, apoiamo-nos em relatórios de pesquisa sobre os efeitos da pandemia no sistema educacional. Diante disso, pudemos compreender que este ensino remoto aconteceu prioritariamente com o envio de atividade e áudios explicativos através do aplicativo *WhatsApp*. Além disso, pudemos conceber como essencial a participação dos familiares como mediadores nesse processo de ensino e aprendizagem. Ademais, constatamos que as condições socioeconômicas das crianças e de suas famílias se apresentam como mais um obstáculo a ser superado por docentes no processo de ensino. Desse modo, concluímos que, apesar dos esforços de professoras, gestores educacionais e familiares, as limitações de recursos e perdas em relação ao desenvolvimento e o aprendizado das crianças são reais e inevitáveis.

Palavras-chave: Ensino remoto emergencial. Docência. Ensino Fundamental.

**‘REMOTE TEACHING’ IN THE EARLY YEARS OF FUNDAMENTAL
EDUCATION: CHALLENGES AND TEACHING EXPERIENCES IN THE
MUNICIPAL PUBLIC NETWORK OF FORTALEZA**

Abstract

This article presents the research carried out in the Supervised Internship in Elementary Education - Early Years, whose main objective was to observe and understand the teaching work with remote education in the context of the COVID-19 pandemic. The research, by qualitative approach, was carried out through semi-structured interviews and remote monitoring of the work of a teacher from a public school in the city of Fortaleza, working in the 5th year of elementary school. The activities passed on to the students and the methodology used to evaluate their learning were also analyzed. The research provided us with an understanding of the complexity of teaching work in the pandemic situation, which, given the current reality,

¹ Estudante de Graduação do curso de Pedagogia Noturno da Universidade Federal do Ceará (UFC). E-mail: talita1991bernardo@gmail.com.

² Estudante de Graduação do curso de Pedagogia Noturno da Universidade Federal do Ceará (UFC). E-mail: tarcisiojoilson@gmail.com.

³ Pedagoga. Professora da Rede Pública Municipal de Fortaleza. E-mail: emiliapaulafreitas@gmail.com.

⁴ Pedagoga, Mestre e Doutora em Educação. Professora do Departamento de Teoria e Prática da Faculdade de Educação da Universidade Federal do Ceará. E-mail: camilla.pedagoga@hotmail.com.

faces several challenges. Still, it was possible to know the various strategies and tools used in the pursuit to provide continuity of teaching, even with the suspension of face-to-face classes, minimally guaranteeing the participation of all students.

Keywords: Emergency remote education. Teaching. Elementary School.

Introdução

No final de 2019 vários casos de pneumonia, sem qualquer causa definida, foram diagnosticados na cidade de Wuhan, província de Hubei, na China. Logo em janeiro de 2020, o mundo foi informado que a cidade chinesa era acometida por um vírus da família do Coronavírus, o SARS-Cov-2, sendo nomeado de COVID-19. O vírus em questão tinha como maior característica a fácil propagação de indivíduo para indivíduo, por meio do contato com gotículas respiratórias, afetando o sistema respiratório. Podendo se apresentar como uma gripe em alguns casos, mas, com potência para implicar maiores complicações respiratórias, com necessidade, nesses casos, de internações hospitalares, possibilitando sérios riscos de óbito (SANTOS, 2020).

Nesse cenário, logo inúmeros casos de contaminação em diversos países da Europa e da América foram confirmados, levando a Organização Mundial de Saúde (OMS) a classificar a doença como uma pandemia. Diante disso, medidas sanitárias para evitar maior propagação do tal vírus foram tomadas, sendo a principal delas a proibição de aglomerações de pessoas. A medida foi implantada pelos principais líderes governamentais do mundo, sendo posto, assim, estado de quarentena nos países e nas cidades mais afetadas, consideradas epicentro. Conseqüentemente, a decisão acabou por implicar diretamente no funcionamento de diversos setores de serviço, produção etc., dentre eles, o setor educacional, nosso foco de discussão, com a exigência de paralisação dos serviços menos essenciais.

No que se refere ao Brasil, mas especificamente à capital do Ceará, Fortaleza, os serviços foram paralisados em meados do mês de março de 2020, sendo decretada pelos governantes, em âmbito estadual e municipal, a suspensão das atividades presenciais para todas as escolas da rede pública e particular. Neste caso, escolas, gestores, docentes, alunos, crianças e familiares tiveram que se adaptar a um novo modelo de ensino: o ensino remoto de caráter emergencial. Diante disso, diversos percalços e desafios surgiram devido à situação imposta para todos eles, implicando problemáticas, como: acesso a recursos tecnológicos, autonomia dos alunos e crianças, comunicação, agravamento das condições socioeconômicas, dentre muitas outras.

No presente trabalho proposto, atentamo-nos somente à perspectiva e à experiência docente desses aspectos diante do novo cenário educacional vigente. Com base nisso, perguntamo-nos: De que modo acontece o trabalho docente de forma remota de professoras da rede pública municipal com crianças do Ensino Fundamental dos anos iniciais?

Partindo desse questionamento, a pesquisa pretendeu compreender como professoras que trabalham com os anos iniciais do Ensino Fundamental têm desenvolvido seu trabalho pedagógico em ensino remoto nesse período de pandemia. Para tal, no mês de setembro de 2020, realizamos, primeiramente, reuniões com as docentes participantes da pesquisa proposta pelo componente curricular “atividade de estágio supervisionado” do curso de Pedagogia da Faculdade de Educação do Ceará (Faced). Ao termos uma educadora designada, no caso, também coautora deste artigo, realizamos as primeiras conversas para apresentação formal, agendamentos e acordos dos passos seguintes, os quais envolviam o acompanhamento das atividades direcionadas aos anos iniciais do Ensino Fundamental, planejamentos e informações sobre a escola e famílias atendidas.

Concomitantemente, produzimos diários de campo e apontamentos com base em conversas realizadas de forma remota através do aplicativo *Google Meet*⁵. Realizamos, também, entrevistas, sendo essas do tipo semiestruturadas, baseadas em roteiro pré-definido pela turma da “atividade de estágio supervisionado”, juntamente com a professora responsável pela mesma. Estas entrevistas foram transcritas para posterior análise. O modelo de entrevista semiestruturada foi escolhido por possibilitar um conjunto de questões predefinidas e, ainda assim, possuir a liberdade para colocar outras, caso surgisse o interesse no decorrer da entrevista (GIL, 2002). Por meio desses procedimentos e os demais citados, a pesquisa esclareceu como esta professora da rede pública municipal têm estabelecido suas práticas docentes em ensino remoto.

Para discorrermos sobre a problemática, o artigo se estrutura da seguinte forma: primeiramente, com as concepções e dados de pesquisas que têm contribuído com a temática do ensino remoto e das relações em tempo de pandemia. Assim como documentos de orientação disponibilizados pela Secretaria Municipal da Educação (SME) da capital cearense. Em seguida, apresentamos a descrição dos dados construídos e sua análise crítico-reflexiva. Encerramos com as considerações finais relativas à pesquisa realizada.

⁵ Serviço de comunicação por vídeo.

Os desafios educacionais em tempos de pandemia

Com a interrupção das atividades presenciais das escolas públicas e privadas do país por conta da pandemia causada pelo novo Coronavírus, aproximadamente 48 milhões de alunos e crianças deixaram de frequentar as atividades presenciais nas mais de 180 mil escolas de ensino básico existentes em todo o Brasil, como forma de prevenção à propagação do vírus (INEP, 2020). Diante dessa realidade, todo o sistema educacional do país teve que repensar suas metodologias de ensino e os processos de ensino e de aprendizagem de forma imediata e experimental, já que a conjuntura pandêmica se apresentava como algo nunca vivenciado, com proporções grandiosas e alarmantes.

Considerando a situação imposta pela pandemia, famílias, estudantes, educadores e educadoras tiveram que adaptar-se, tanto no âmbito pessoal, pois as restrições e recomendações atingiram todos os campos relacionais, quanto na esfera profissional, com a ocorrência de demissões, redução da carga horária de trabalho e, conseqüentemente, do salário recebido. No caso dos professores e professoras, a necessidade de pensar novas estratégias de ensino para que pudessem desenvolver suas funções e amenizar maiores perdas em relação à aprendizagem de alunos e crianças passou a ser uma realidade imposta.

É neste ponto que o presente trabalho buscou compreender como esse movimento, por parte dos docentes da rede pública municipal de Fortaleza-CE, foi pensado, organizado e desenvolvido para tornar possível o ensino remoto com os anos iniciais do Ensino Fundamental, nosso público foco de pesquisa. Considerando também a realidade socioeconômica das crianças e famílias atendidas, além dos desafios postos pelas mazelas sociais existentes nas comunidades pobres de Fortaleza, que são, frequentemente, localização e moradia de escolas e famílias atendidas pela capital cearense.

Tendo em vista esse propósito, estivemos em constante contato com a professora Júlia (Nome fictício), educadora da rede municipal de Fortaleza. Formada em Pedagogia, a docente é responsável pela alfabetização e letramento de crianças do 1º ano do Ensino Fundamental, da Escola Professora Antônia de Barros (EMPAB) (Nome fictício), localizada no bairro Sapiranga, no período da tarde. Por intermédio de conversas formais e entrevistas realizadas de forma remota, pesquisas realizadas sobre o ensino remoto e suas demandas, concepções acerca dos processos de ensino e de aprendizagem, fundamentamos a construção dos dados e informações

apresentados e analisados a seguir, acerca do ensino remoto desenvolvido durante aproximadamente sete meses de pandemia⁶.

Ensino remoto emergencial: dificuldades e desafios nos processos de ensino e de aprendizagem

A conjuntura inesperada de pandemia, que teve como medida o afastamento social total dos cidadãos, levou, como já apontado aqui, à interrupção abrupta das aulas presenciais nas escolas. Diante disso, as instituições de ensino tiveram que tomar decisões rápidas para impedir que os trabalhos fossem totalmente paralisados. Paralelamente, profissionais da educação tiveram que lidar com a falta de tempo para melhor organização de ações fundamentais para o ensino remoto, tais como planejamento; capacitação de todos os profissionais envolvidos; preparação e acesso a instrumentos tecnológicos; automatização de atividades administrativas; e favorecimento da educação inclusiva. Diante disso, as instituições de ensino tiveram que recorrer às habilidades, aos materiais e instrumentos eletrônicos tecnológicos pessoais de seus profissionais e funcionários.

No estado do Ceará, mais precisamente na rede municipal de ensino de Fortaleza, os professores e professoras do Ensino Fundamental tiveram que articular e buscar novas estratégias de ensino, de forma rápida e possível, para dar continuidade aos trabalhos escolares. É importante ressaltar que o modelo de ensino remoto proposto pela SME não é equivalente à Educação a Distância (EaD). Em contexto pandêmico, o ensino remoto se refere a um distanciamento geográfico, devido aos professores, crianças e alunos estarem impedidos por decreto de frequentarem instituições educacionais para evitar a disseminação do vírus (BEHAR, 2020).

De acordo com o relatório técnico realizado pelo Grupo de Estudos sobre Política Educacional e Trabalho Docente da Universidade Federal de Minas Gerais (GESTRADO/UFMG, 2020), a utilização de meios tecnológicos tem sido uma novidade e um grande desafio para a maioria dos professores e professoras nesse período, principalmente, quando tais educadores não receberam nenhuma formação por parte das secretarias educacionais, para a utilização de ferramentas tecnológicas fundamentais para o

⁶Na data de revisão do presente artigo, já estávamos no 10º mês de pandemia no Brasil. Infelizmente, ainda sem perspectivas de finalizar esta situação tão grave e dolorosa, que já causou mais de 225.000 pessoas morreram em decorrência desta doença. No mês de janeiro de 2021, houve a aprovação de vacinas, no entanto, ainda parece que teremos um longo tempo até que toda a população seja imunizada, inclusive, devido ao descaso do governo federal em relação ao combate à pandemia.

desenvolvimento das atividades remotas. Fato constatado, como podemos perceber, no relato da professora Júlia, da rede pública de Fortaleza, feito quando a questionamos se teve formação para trabalhar com o novo formato de ensino e o uso das tecnologias eletrônicas:

Treino, não. Foi a gente se encontrando. Nós temos reuniões com o grupo de 1º ano [...] nós somos 04 professoras de 1º ano na escola, então, toda segunda-feira, a gente se encontra à tarde às 14:00, e aí [...] vai surgindo as ideias, a gente vai organizando quem que faz o quê, a gente vai dividindo as atividades: ‘ah! eu tenho uma história, ah! eu vi isso’... a gente vai juntando. Aí a coordenadora faz uma Ata, coloca todas as decisões que a gente tomou e ali a gente vai fazer e manda tudo pra ela. Aí a coordenadora é que vai postando nos grupos, a gente só posta nos grupos os áudios explicativos, mas a coordenadora tem o jeitinho, de organizar, de formatar. Tem algumas professoras que têm habilidade de formatar a tarefa e colocar o cabeçalho, a logomarca da prefeitura, mas tem professora que não tem, então, para que as tarefas não cheguem para os pais muito diferentes, uma num formato, outra no outro, e tudo mais, ela primeiro recolhe essas atividades, a gente tem a data de entregar, é tudo muito organizado, e aí ela vai formatar e vai postar. (JÚLIA, PROFESSORA DA REDE MUNICIPAL DE FORTALEZA, 2020).

A professora afirma, ainda, que a prefeitura de Fortaleza oferece cursos de formação, mas que, no entanto, ainda não têm nenhuma relação com o uso de novas tecnologias necessárias para o ensino remoto realizado pela rede municipal de educação da capital: “Nós estamos tendo uma formação desde o começo do ano, ela iniciou presencial, esse ano ainda, aí a formação, a prefeitura todo ano ela disponibiliza, mas ela não tem haver com as tecnologias digitais” (Júlia, professora da rede municipal de Fortaleza, 2020).

Diante desse cenário, segundo a professora, as mudanças em relação às ações, às atividades e às propostas docentes aconteceram em sua totalidade. Assim, educadores e profissionais da educação tiveram que se reinventar e pensar em outro formato de escola e ensino e atentar para as requisições da SME de continuar com o uso de materiais como os livros didáticos ou materiais complementares como referência (FORTALEZA, 2020). A princípio, por certo, sem muita estrutura e assertividade, mas que, com o passar do tempo, os esforços e troca diária com os demais profissionais, equipe docente e gestora, encontraram estratégias para superar as maiores dificuldades e tornar o trabalho oferecido às crianças o melhor possível.

Neste contexto, as primeiras ações a serem tomadas pelas educadoras foi a criação de grupos no aplicativo *online WhatsApp*⁷ com familiares para o envio das atividades. Posteriormente, iniciaram-se planejamentos e orientações de professores formadores da Rede para as propostas de atividades domiciliares, assim como orienta a SME (FORTALEZA, 2020). Evidentemente, reformulações da dinâmica de trabalho tiveram que serem feitas, assim como os materiais, ambiente e metodologias de ensino.

⁷ Aplicativo multiplataforma de mensagens instantâneas e chamadas de voz para *smartphones*.

Depois que passou essa fase (*lockdown*), a gente começou a estruturar melhor a organização de como seriam as atividades, aí a mudança foi primeiro física, porque agora eu fico sentada na mesa, agora eu digito, agora eu não tenho mais a mobilidade que eu tinha antes. A mudança foi na maneira de pensar as atividades, mudou demais, porque, antes, as atividades permeavam as relações, permeavam como era fulano, como era sicrano, o jeito de ser, as crianças especiais que a gente tem na turma, então as atividades permeavam isso e agora as atividades têm que permear formato, tamanho, tipo de letra, a gente fica preocupada em adaptar aquela atividade, para que ela seja fácil de ser entendida pelos pais, para que ela seja bem entendida pela criança e que os pais tenham a oportunidade de fazer com elas. Então, 90% das atividades mudaram. (JÚLIA, PROFESSORA DA REDE MUNICIPAL DE FORTALEZA, 2020).

As mudanças também interferiram diretamente na relação entre alunos e professora. O vínculo tão essencial e grande aliado quando se trata de aprendizagem foi bastante atingido pela exigência do afastamento social. Consequentemente, a criança que tem seu desenvolvimento e processo de aprendizagem melhorado quando possui uma relação de confiança com o adulto que a auxilia, teve essa relação interferida pela pandemia (CAPELLATO, 2020). Diante disso, restou aos professores e às professoras delegar grande parte de suas primordiais funções no processo educativo para familiares e responsáveis pelas crianças.

Mudou tudo, absolutamente tudo, desde o levantar, desde o sair de casa, o principal é o não contato, o não contato é desesperador. Você não sabe se a criança está ali, ou não está ali, se ela está fazendo ou não está fazendo. Então, quando eu vi pela primeira vez, uma *fotinha* que a mãe mandou do aluno sentado, numa mesinha lá na casa dele fazendo, parecia que tava assim um conforto, uma coisa tão boa ver aquele aluno ali, e fazendo, por que a gente se separou, existe um vínculo muito forte. (JÚLIA, PROFESSORA DA REDE MUNICIPAL DE FORTALEZA, 2020).

Nessa conjuntura, as limitações docentes ficaram mais expostas, principalmente quando falamos sobre a inclusão de alunos com deficiência nas propostas e adaptações de atividades oferecidas. No formato de ensino remoto, o processo de ensino ficou ainda mais difícil, seja na oferta, acompanhamento e real promoção de aprendizado para os alunos, o que se apresenta mais intensificado nos casos de alunos com deficiência. Nessa condição, as famílias se encontram com maiores dificuldades, pois, além de não terem as qualificações para auxiliar eficazmente o ensino, não possuem conhecimentos específicos para lidar com as particularidades inerentes ao aluno com deficiência e o seu processo de aprendizagem. Consequentemente, muito dessas crianças e seus familiares se ausentam e perdem contato com as instituições de ensino, como relata a professora:

Então, aqui desses 22 que eu tenho, esse aluno especial é um que eu não estou conseguindo ter acesso, o outro rapaz e uma menina, três. Assim, o retorno deles... Mas eles estão no grupo, eles estão inseridos lá no grupo do WhatsApp, eles visualizam as atividades, eles a família né? A família sabe que precisa fazer, eles têm o acesso de ir à escola, a escola está aberta no período da manhã e no período da tarde, eles sabem

que eles podem ir lá buscar as atividades, mas eu não estou tendo acesso de ligar, eu não consigo falar com eles. (JÚLIA, PROFESSORA DA REDE MUNICIPAL DE FORTALEZA, 2020).

Nesse movimento, temos que ressaltar que não cabe aos pais e responsáveis o papel da educação escolar de suas crianças. Isso engloba também os pais de crianças sem deficiência, pois muitos deles não possuem conhecimentos escolares necessários, o que acaba por gerar dificuldades no auxílio das resoluções das atividades escolares, como afirma o relatório técnico *Trabalho docente em tempos de pandemia* (GESTRADO/UFGM, 2020), que diz que 34,5% das famílias das crianças que frequentam o Ensino Fundamental dos anos iniciais não conseguem realizar a mediação necessária para garantir a execução das atividades propostas e a aprendizagem. Apesar disso, a participação dos familiares tem sido fundamental para que o trabalho do professor e da professora seja possível nessas circunstâncias. A educadora Júlia ressalta o quanto os familiares, pais e responsáveis valorizam a escola e a educação, estando sempre presentes no espaço escolar, buscando formas de manter o aprendizado de suas crianças, mesmo com suas limitações de recursos financeiros e tecnológicos.

A gente apela para as famílias, para a boa vontade das famílias, porque todas as famílias – são raras as famílias da prefeitura que não valorizam a escola – não existe em nosso país nenhuma família que não valorize a educação, isso é fato. Então, como eles sabem que é importante, eles vão atrás. Então, as famílias passam na escola, mesmo quando eles não têm celular, ou roubaram, ou a internet acabou, enfim, o que seja, eles passam na secretaria da escola, pegam as tarefinhas, fazem com os filhos. Depois, pedem para uma vizinha tirar uma foto, alguém tirar uma foto e mandam pra mim. Então, assim, eles são muito conscientes dessa necessidade dos filhos estudarem, isso já é arraigado na consciência deles. (JÚLIA, PROFESSORA DA REDE MUNICIPAL DE FORTALEZA, 2020).

Nesse sentido, a valorização e compromisso das mães, pais e familiares responsáveis refletem positivamente na participação das crianças quanto às atividades propostas. Com a utilização de um caderno de anotações, Júlia acompanha e registra todas as atividades feitas por cada criança. Este movimento tem sido o método avaliativo, sem caráter diagnóstico, por conta do contexto vivenciado, e segue fielmente as orientações da SME referente às avaliações, que considera ainda a análise de diário de estudos, entrega de pesquisas e produções textuais feitos pelos estudantes (FORTALEZA, 2020). Segundo seus registros, grande parte dos seus alunos participa e realiza todas as atividades. Neste processo, os alunos que se ausentam ou deixam de entregar alguma tarefa são contatados pela professora, através de seus responsáveis, para buscar saber se houve algum problema ou existem maiores dificuldades familiares que impossibilitam a participação do estudante. A partir desse contato, a docente passa alguns direcionamentos quando necessário, como, por exemplo, a disponibilidade das tarefas impressas na escola no caso de falta de acesso à internet.

Eu tenho no meu caderno o nome de todos eles e eu faço o levantamento de cada nome, cada atividade que eles vão me devolvendo, eles (responsáveis) vão tirando as fotos e me devolvendo. Aí quando eu vejo que tem muito tempo que o aluno não me entrega a atividade, eu pego o telefone e ligo pra eles, ligo pra s famílias, pergunto o que está acontecendo, direciono como tem que fazer, e aí essa família vai lá e retorna. (JÚLIA, PROFESSORA DA REDE MUNICIPAL DE FORTALEZA, 2020).

Para a professora participante da pesquisa, é fato que as perdas são inestimáveis e inevitáveis com o ensino de forma remota. Por maior esforço que as escolas, junto à sua equipe docente e gestora, tenham dispostonesse formato de ensino remoto, com os poucos recursos disponíveis nas escolas públicas, a realidade desfavorável das famílias, no que se refere aos conhecimentos necessários para auxiliar os filhos nas tarefas e condições socioeconômicas, minimiza as possibilidades de aprendizado das crianças. Esse reconhecimento é tomado por todas as partes envolvidas, professores, gestores e familiares, principalmente as famílias, que, segundo a professora, as que dispõem de melhores condições financeiras, buscam outros meios para amenizar as perdas no processo de aprendizagem de seus filhos.

Tem duas mães aqui que me contaram isso, que elas estão colocando seus filhos no reforço, que elas não estão conseguindo fazer a tarefinha e o processo de alfabetização. Aquela professorinha ali do bairro, aquela pessoa que ganha R\$ 50,00 por semana, não sei como os pais pagam, e ali ficam fazendo o trabalho de fazer a tarefinha com aquela criança. Então, os pais que conseguem, que têm renda, que têm dinheiro pra isso, estão pagando reforço para os seus filhos. (JÚLIA, PROFESSORA DA REDE MUNICIPAL DE FORTALEZA, 2020).

Esta ação se faz mais presente, frequentemente, para aquelas crianças que estão no ciclo de alfabetização e letramento, pois não podem contar somente com a ajuda dos familiares, que, por vezes, é limitada e reproduz práticas e métodos de ensino com base em suas experiências escolares não mais usadas atualmente. Como o método silábico de alfabetização, que consiste em ensinar a leitura combinando vogais e consoantes para formar sílabas, bastante usado nas salas de alfabetização das escolas brasileiras durante décadas (CALDERÓN; CARRILLO; RODRÍGUEZ, 2006).

Elas estão dependendo dos pais. Elas dependem desse acompanhamento dos pais, porque o processo de alfabetização [...] é um processo muito relacionado com a oralidade, com o som. Identificar o som é que é se alfabetizar, que som aquela letra faz. E quando os pais não têm essa forma de alfabetizar, eles vão na escrita, eles vão no 'B com A, BA; D com E, DE'. Fica muito mais difícil pras crianças. E, além disso, muitos pais são analfabetos, muitos pais não sabem ou sabem muito pouco. Então, o processo de alfabetização, ele é 99% em sala de aula, isso com relação à prefeitura. Por quê? Porque outros espaços de letramento, que é a casa, muito não têm, e não é só uma tarefinha que a criança faz que garante essa alfabetização. A alfabetização é um processo que exige contato constante e um ato organizado dessa forma de ler e escrever. (JÚLIA, PROFESSORA DA REDE MUNICIPAL DE FORTALEZA, 2020).

Nesse contexto, o sentimento de frustração quanto às limitações inerentes ao trabalho docente desempenhado no formato de ensino remoto, que são intensificadas pela realidade precária das famílias, como a falta de um ambiente adequado para os estudos, uma boa iluminação, torna-se inevitável para professores e professoras em tais condições serviço. Sentimento esse facilmente reconhecido no relato da educadora Júlia.

A gente fica frustrada, porque antiga [metodologia de alfabetização], o nome já está dizendo, né!? Passou, não é mais! Mas, ao mesmo tempo, a gente tem que aceitar. Então, assim, dá uma angústia muito grande porque a gente sabe, que eles não têm... eu vi uma foto de uma criança que a mãe dela mandou pra mim, ela mandou a foto dela fazendo a tarefa, ela sentada no chão e ela escrevendo na cadeira, a cadeira era a mesa da criança, lugar escuro, que deveria estar cheio de barulho, não tinha o menor ambiente para aquilo. Então, a gente percebeu mais friamente o quanto um ambiente escolar [...], pra muitas crianças, é o único ambiente de aprendizagem formal, para aquela aprendizagem, aquele espaço que realmente abre para o processo de letramento mesmo, porque, em casa, é comer e estar ali. (JÚLIA, PROFESSORA DA REDE MUNICIPAL DE FORTALEZA, 2020).

Diante disso, contatamos que, ademais a realidade pandêmica, o educador tem tido que lidar também com as difíceis situações realçadas pelo contexto social das famílias, além das perdas de pessoas próximas, de empregos e da segurança proporcionada pela a escola à crianças e famílias carentes e de pouco poder aquisitivo, assunto que trataremos mais intensamente no tópico a seguir.

Escola e família: realidade da comunidade e das crianças que frequentam a escola pública

O contexto social sempre foi um fator preocupante quando se trata da realidade de alunos da educação básica pública no Brasil e em Fortaleza essa realidade não é diferente. Uma parcela considerável de alunos da educação pública concentra-se na periferia e enfrenta uma realidade com muitas dificuldades no que diz respeito ao acesso a serviços públicos de qualidade. Quando falamos, então, da educação oferecida pela Prefeitura de Fortaleza – Educação Infantil e Ensino Fundamental – muitos desses problemas sociais estão frequentemente presentes no dia a dia de alunos e crianças. Os problemas vão desde falhas na infraestrutura das escolas, na falta de recursos dessas, passando por questões mais individuais dos alunos, os quais lidam com restrições financeiras e a dificuldade de acesso a serviços e necessidades básicos, sendo isto quase sempre se apresenta como regra e não exceção.

Na escola a qual trabalha a professora Júlia, participante de nossa pesquisa, a qual tivemos a oportunidade de conhecer um pouco mais da realidade escolar e da comunidade que a cerca, através dos seus relatos, fomos apresentados a uma série de problemas pelos quais seus

alunos e suas famílias enfrentam no dia a dia para usufruírem o direito básico de todos os cidadãos, como o acesso a uma educação de qualidade. Neste contexto, a falta de infraestrutura adequada da escola e as restrições econômicas das famílias sempre foram a realidade vigente dos alunos assistidos pela EMPAB, localizada no bairro da Sapiranga, periferia de Fortaleza.

Trabalhando há 20 anos nesta escola, Júlia nos relatou que, nesse período, várias mudanças ocorreram no bairro, as quais afetaram direta e indiretamente o cotidiano escolar. Segundo a professora, no início de sua trajetória, a relação da escola com sua vizinhança era tranquila e harmoniosa. Em seu relato, a professora nos contou que era comum os portões da escola estarem sempre abertos para a comunidade e frequentemente havia eventos e confraternizações, como, por exemplo, em época de festas juninas, a realização de quadrilhas no prédio da escola, o que tornava a escola mais presente e próxima da comunidade.

Com o passar dos anos, segundo Júlia, o bairro da Sapiranga, assim como boa parte da periferia de Fortaleza, passou a sofrer com o aumento da violência e da criminalidade. O avanço de grupos criminosos e a disputa por território entre as facções tornou o ambiente do entorno da escola perigoso e preocupante, impactando de forma direta a todos. Segundo a docente, depois do aumento dos casos envolvendo o crime organizado na comunidade, a escola foi se fechando e reduzindo o acesso da comunidade às suas dependências, as quadrilhas e festas que antes ocorriam no local foram suspensas, as aulas noturnas tiveram seus horários alterados por conta da implantação de um toque de recolher decretado pelas facções criminosas, que passou a vigorar no bairro durante significativo período.

Diante disso, logo, episódios de violência passaram a acontecer na escola, como furto de bens materiais, ameaça de traficantes, ordenando o fechamento da escola em alguns momentos, alunos da própria instituição envolvidos com crimes, alguns deles sendo obrigados a se ausentarem da escola por conta de ameaças de grupos rivais. Esses são alguns fatos que, por anos, fizeram parte do cotidiano da escola do bairro Sapiranga, caracterizando um retrato da periferia que sofre constantemente com as baixas condições socioeconômicas e com a falta de melhores oportunidades para seus moradores. A escola, como integrante dessa comunidade, também a vivencia e se afeta.

Apenas nos últimos anos, de acordo com a professora, é que se tem percebido, tanto por funcionários da escola quanto por alunos e familiares, uma melhora significativa nos casos de violência ocorrida no bairro. Ela diz não saber se essa mudança é resultado da ação da polícia, ou algum acordo entre as facções que disputavam o território. O que ela e grande parte da comunidade escolar percebem é que, ultimamente, o dia a dia da comunidade do bairro Sapiranga está mais tranquilo. Inexistindo o toque de recolher, que havia até pouco tempo,

agora é comum ver pessoas nas ruas à noite. Para a professora, essas mudanças foram benéficas para a escola, mesmo não sabendo quais os reais motivos dessa “paz” momentânea. Para ela, isso é motivo de comemoração, pois a instituição tem vivido um período de mais tranquilidade.

Em relação às famílias, segundo Júlia, de modo geral, elas costumam estar sempre presentes no cotidiano da escola e na participação da vida escolar das crianças. Mães, pais e responsáveis de alunos, em sua imensa maioria, são formados por trabalhadores informais, de baixa renda, trabalhando como empregada domésticas, vendedoras(res) ambulantes, pedreiros etc. Enfim, são famílias que, como esclareceu a professora, precisam trabalhar bastante e, ainda assim, passam por grandes dificuldades financeiras, o que, obviamente, reflete na vida e no aprendizado de seus alunos.

Neste contexto, se considerarmos que a vida das famílias dos alunos e crianças da EMPAB sempre foi de dificuldade, no que tange ao acesso a serviços básicos, à qualidade de vida e à renda familiar, podemos, então, inferir como esse cenário de precariedade se agravou durante a pandemia que se abateu em nosso país com a pandemia da Covid-19. Esta que, além de causar a enfermidade e, em muitos casos, a morte de milhares de brasileiros, é responsável também por um profundo impacto na qualidade de vida de outros milhões, reduzindo e até eliminando as oportunidades de geração de renda de uma parcela da população, a qual historicamente tem vivido no limite entre o básico e o necessário.

Durante nossa entrevista com a professora, ficamos cientes de como a pandemia tem afetado a vida de seus alunos e de suas famílias e, conseqüentemente, impacta também no aprendizado de seu alunado. Tendo em vista que no ensino presencial estes já enfrentavam inúmeros desafios de ordem financeira, durante o ensino remoto e as demais crises que o distanciamento social tem provocado, essas dificuldades foram amplamente aumentadas. Para a professora Júlia, é evidente que a pandemia causada pelo Covid-19 tem potencializado e revelado tamanha desigualdade existente em nossa sociedade, ou, em suas próprias palavras em relação aos efeitos sociais causados pela pandemia: “o abismo que existia transformou-se em um gigantesco *cânion*”.

A professora Júlia nos relatou, ainda, outras inúmeras dificuldades, em relação à participação dos alunos nas atividades propostas em contexto de ensino remoto, que são vivenciadas por grande parte de seus alunos e seus familiares. A título de exemplo, citou os escassos recursos disponíveis para essas famílias, o que dificulta sensivelmente o acesso dos alunos e crianças às atividades e, conseqüentemente, o desenvolvimento e a aprendizagem. Atuando como professora na rede educacional pública e privada, Júlia ressalta algumas diferenças causadas por essa discrepância de acesso a ferramentas tecnológicas.

Conforme a professora, na escola particular ela usualmente se encontra todos os dias durante um turno com seus alunos através do *Google Classroom*⁸. Na plataforma, ela apresenta sua aula, as crianças têm possibilidade de interação, participando de forma ativa, desenvolvendo e produzindo atividades de modo *online*, o que diminui um pouco o déficit causado pela ausência da aula presencial. Já em relação aos seus alunos da escola pública, Júlia relatou com pesar que a relação entre professora e alunos em tempos de pandemia e ensino remoto é completamente diferente. Primeiro, porque é impossível manter contato diário com todas as crianças, já que estas não possuem computadores. Muitas deles dispõem unicamente de celular (*smartphone*), o qual fica em posse dos pais durante todo o dia, não estando à disposição das crianças para realização de suas atividades. Outro aspecto é o acesso à internet de banda larga. Todos eles possuem somente internet 3G⁹ e de pouca durabilidade.

A falta de um equipamento de acesso à internet ou de um celular exclusivo para as crianças não são as únicas dificuldades enfrentadas por essas famílias, a qualidade desses aparelhos também é um obstáculo. Sobre isso, a professora destaca que muitas mães relatam que não conseguem simplesmente baixar as atividades enviadas pela professora, porque a capacidade de armazenamento de dados de seus aparelhos não comporta. Em diversos casos, pais ou responsáveis dos alunos possuem outros filhos que também necessitam receber suas atividades através desse único celular disponível na família, o que inviabiliza ainda mais essa tarefa.

Na busca de tentar diminuir os prejuízos causados pela falta de recursos das famílias no envio e recebimento de atividades, a escola se propõe a imprimir e entregar estas através da coordenação, para as famílias que, por ventura, encontrem dificuldades para baixar as atividades, seja por dificuldade no aparelho celular, seja pela falta ou perda do mesmo, algo que também ocorre com relativa frequência. A professora mostrou que a problemática se estende além da questão do envio e recebimento de atividades. Em muitas famílias, os pais trabalham o dia inteiro, chegando somente à noite e, portanto, não dispõem de tempo para realizar as atividades junto com a criança.

Considerando que os alunos de Júlia são crianças entre seis e sete anos de idade, sendo, assim, imprescindível o acompanhamento de um adulto para a realização dessas atividades, muitas delas acabam por realizá-las somente nos finais de semana. Ademais, há ainda o problema que muitas famílias possuem com déficit educacional existente entre os pais e responsáveis das crianças. Muitos são analfabetos e outros possuem grande dificuldade de

⁸ Sistema de gerenciamento de conteúdo para escolas.

⁹ Internet móvel para *smartphones*.

compreensão das atividades propostas, com isso, podemos compreender o quão complicado se torna a tarefa de educar tais crianças em um contexto de distanciamento da escola e de ensino remoto.

Em conversas formais, a professora Júlia demonstra refletir e se afligir com os prejuízos causados pela pandemia a seus alunos. A educadora relatou que, por mais esforço que professores e outros profissionais da educação venham empregando nesse período, é inevitável o prejuízo que essas crianças estão tendo. Segundo a professora, seus alunos do 1º ano deveriam ser alfabetizados ainda esse ano, mas, devido a todos esses problemas enfrentados, eles certamente chegarão ao 2º ano sem estar alfabetizados e esse atraso de um ano, em uma etapa fundamental, pode causar prejuízos para todo o restante da vida escolar dessas crianças.

Analisando de forma reflexiva as falas da professora sobre como é o cotidiano da escola pública, principalmente nesse período excepcional de pandemia e isolamento social, compreendemos que é inevitável, como cidadãos e educadores em formação, preocuparmo-nos com o futuro de milhares de estudantes que têm na escola pública sua única opção de acesso à educação.

Considerações finais

Com base no que foi analisado e dissertado, compreendemos que o trabalho de professoras da rede pública municipal com crianças do Ensino Fundamental dos anos iniciais, no formato remoto, tem acontecido, predominantemente, através do envio de atividades para os celulares dos pais ou responsáveis das crianças, através do aplicativo de comunicação *WhatsApp*. Tendo como alternativa a impressão das mesmas, as quais são disponibilizadas na escola para retirada, para aquelas famílias que não dispõem de aparelho celular. Isso se justifica pelo fato de as famílias das crianças assistidas não possuírem acesso a diferentes aparelhos eletrônicos, tais como tablet, computador e notebook, como também por possuírem acesso somente à internet móvel, que é bastante limitada.

Concomitantemente a essa realidade, destacamos o fato de que, para a realização do ensino remoto, as professoras da rede municipal não passaram por nenhum treinamento específico para este modelo de ensino. Logo, o processo de articulação e uso dos instrumentos necessários para o desenvolvimento do ensino remoto emergencial aconteceu através da familiaridade de algumas profissionais com estes (*hardware* e *software*) e com informática. Desse modo, o conhecimento essencial para o desenvolvimento dos trabalhos pedagógicos foi sendo construído na prática diária e em conjunto com a equipe docente e gestora. Dessa mesma

forma, desenvolveram as demais incumbências docentes, como o planejamento, padronização de materiais e ideias de atividades a serem propostas para as crianças.

Nessa conjuntura de ensino, especialmente do ensino público, a questão socioeconômica se fez fator indispensável para analisarmos as atividades docentes desenvolvidas. Diante disso, a desigualdade, traço marcante da sociedade brasileira, aprofundou-se e tornou-se ainda mais visível com todas as dificuldades que a Covid-19 trouxe, seja de forma direta ou indireta, para todos nós. Nesse sentido, os trabalhos docentes também tiveram que superar os desafios impostos pelas precárias condições socioeconômicas das crianças e suas respectivas famílias. Assim, buscaram estratégias de ensino simples e acessíveis para esses grupos e, desse modo, tentaram diminuir as perdas causadas pela impossibilidade do ensino presencial. Apesar dos esforços de professoras e gestores educacionais, as perdas em relação ao desenvolvimento e o aprendizado das crianças são inevitáveis. Como o caso das crianças do 1º ano pertencentes à turma da professora participante de nossa pesquisa, que, em ciclo de alfabetização, estão tendo retardado seu processo de alfabetização e letramento.

Em relação ao desenvolvimento da pesquisa, destacamos a disponibilidade da professora participante e solicitude em nossas frequentes requisições. No entanto, ao longo do desenvolvimento de nossas atividades de investigação deparamo-nos com alguns obstáculos, como o impedimento de acompanharmos os grupos de *WhatsApp*, através do qual as atividades e instruções docentes eram compartilhadas, como também, deter acesso a documentos oficiais referentes à escola e a propostas pedagógicas. Do mesmo modo, não nos foi permitido ter contato com as crianças e famílias que vivenciam as mudanças e desafios consequentes do ensino remoto. Diante disso, tivemos que redirecionar nosso propósito de pesquisa e delimitá-lo unicamente à perspectiva docente.

No entanto, podemos considerar que o acolhimento da professora e troca de experiência em relação ao trabalho desempenhado durante o período de pandemia nos despertou para a difícil realidade vivenciada por uma grande parcela da população fortalezense e dos desafios docentes diários a ser superados. Por fim, consideramos que, mesmo cientes de que as perdas para as crianças são inevitáveis, vemos na professora participante da pesquisa, e em tantos outros, um exemplo de luta e perseverança para conseguir oferecer aos seus alunos e crianças, oriundos da parcela mais vulnerável de nossa sociedade, uma educação básica de qualidade.

REFERÊNCIAS

BEHAR, P. A. O Ensino Remoto Emergencial e a Educação a Distância. *In: UFRGS. Jornal da Universidade*. Porto Alegre, jul. 2020. Disponível em: <https://www.ufrgs.br/jornal/o-ensino-remoto-emergencial-e-a-educacao-a-distancia/#:~:text=O%20ensino%20%C3%A9%20considerado%20remoto%20porque%20os%20professores,ano%20letivo%20de%202020%20teve%20que%20ser%20engavetado>. Acesso em: 23 out. 2020.

BRASIL. **Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira**. Disponível em: <http://portal.inep.gov.br/web/guest/aceso-a-informacao>. Acesso em: 18 out. 2020.

CALDERÓN G. G.; CARRILLO P. M.; RODRÍGUEZ M. M. La conciencia fonológica y el nivel de escritura silábico: un estudio con niños preescolares. **Limite**, Arica, vol. 1, n. 13, p. 81-100, 2006. Disponível em: <https://www.redalyc.org/pdf/836/83601305.pdf>. Acesso em: 23 out. 2020.

CAPELLATO, I. R. **Educação com Afetividade**. Fundação Educar D Paschoal. Disponível em: <http://www.facaparte.org.br/facaparte/biblioteca/EducomAfetividade.pdf>. Acesso em: 20 out. 2020.

FORTALEZA. Secretaria Municipal de Educação. **SME orienta sobre as atividades domiciliares no período de suspensão das aulas presenciais**. Disponível em: <http://intranet.sme.fortaleza.ce.gov.br/index.php/lista-de-noticias/5719-sme-orienta-sobre-atividades-domiciliares-no-periodo-de-suspensao-das-aulas>. Acesso em: 23 out. 2020.

GIL, A. C. **Como elaborar projetos de pesquisa**. 4. ed. São Paulo: Atlas, 2002.

SANTOS, V. S. Coronavírus (COVID-19). **Brasil Escola**. Disponível em: <https://brasile scola.uol.com.br/doencas/coronavirus-covid-19.htm>. Acesso em: 03 set. 2020.

UNIVERSIDADE FEDERAL DE MINAS GERAIS (UFMG). Grupo de Estudos sobre Política Educacional e Trabalho Docente. Relatório Técnico (GESTRADO) . **Trabalho Docente em tempos de Pandemia**. 2020. Disponível em: <https://gestrado.net.br/#js-publications>. Acesso em: 14 ago. 2020.